

A noção de alma gêmea no seriado “Osmosis”

*Nayara Baiochi**

Resumo:

Originalmente impulsionado pela questão “Quais são os impactos da tecnologia na forma de viver e conceber o amor no momento contemporâneo?”, este artigo é voltado à análise do episódio ‘O teste’ do seriado francês “Osmosis” (2019) a partir de uma abordagem sociológica baseada nas ferramentas metodológicas anunciadas por Pierre Sorlin, isto é, procurou-se atentar para os elementos expressivos do audiovisual de modo a discutir como estão construídas noções que se mostraram centrais na estrutura do episódio em questão, sejam elas as concepções de amor, alma gêmea e tecnologia. Além da investigação voltada para a compreensão dessas noções separadamente, procurou-se também compreender como o vínculo entre elas está elaborado na trama, bem como as implicações daí advindas.

Palavras-chave: Sociologia. Série Osmosis. Audiovisual. Amor. Tecnologia.

* Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: nay_baiochi@yahoo.com.br. <https://orcid.org/0000-0002-7898-5378>

The notion of soul mate in the series “Osmosis”

Abstract:

Originally driven by the question “What are the impacts of technology on the way of living and conceiving love in the contemporary moment?”, this article is focused on the analysis of the episode ‘The test’ of the French series “Osmosis” (2019) is analyzed through a sociological approach based on the methodological tools announced by Pierre Sorlin. It means, we focused on the expressive elements of the audiovisual in order to discuss how notions which were considered central in the episode structure are elaborated. They are the conceptions of love, soul mate and technology. In addition to the investigation aimed at understanding these notions separately, we also sought to understand how the link between them is elaborated in the plot, as well as the resulting implications.

Keywords: Sociology. Series Osmosis. Audiovisual. Love. Technology.

La noción de alma gemela en la serie “Osmosis”

Resumen:

Impulsado originalmente por la pregunta “¿Cuáles son los impactos de la tecnología en la forma de vivir y concebir el amor en el momento contemporáneo?”, este artículo se centra en el análisis del episodio ‘La prueba’ de la serie francesa “Osmosis” (2019) desde un enfoque sociológico basado en las herramientas metodológicas anunciadas por Pierre Sorlin. Es decir, tratamos de poner atención a los elementos expresivos del audiovisual para discutir cómo se construyen nociones que resultaron ser centrales en la estructura del episodio en cuestión, ya sean las concepciones de amor, alma gemela y tecnología. Además de la investigación dirigida a comprender estas nociones por separado, también buscamos comprender cómo se elabora en la trama el vínculo entre ellas, así como las implicaciones resultantes.

Palabras clave: Sociología. Serie Ósmosis. Audiovisual. Amor. Tecnología.

Prólogo: o seriado

Situado na intersecção entre Sociologia, amor e audiovisual, este texto compreende a análise do episódio ‘O teste’ do seriado “Osmosis” (2019). Dirigido por Julius Berg e Thomas Vincent, tal episódio é o primeiro da série francesa¹ criada por Audrey Fouché e lançada pela Netflix em 2019. Dos oito episódios que compõem a primeira temporada, analisamos somente o primeiro, especialmente voltado à introdução do enredo, suas personagens, local e tempo. A maior parte dos problemas e conflitos iniciados nele não tem desfecho até o final da temporada. Alguns deles, de fato, permanecem sem conclusão mesmo após seu término, uma forma de estimular a renovação do seriado, negada pela Netflix até o momento. Em consequência, existe um grande número de personagens, ramificações e histórias coadjuvantes convivendo em ‘O teste’. Sendo assim, sublinhamos que nosso relato está comprometido com abarcar a pluralidade de movimentos do episódio sem perder de vista as questões que nos parecem fundamentais nele e para as quais daremos maior atenção no correr da análise.

¹ Há duas séries francesas denominadas “Osmosis”. A primeira, de 2015; a segunda, de 2019. Analisamos o primeiro episódio do seriado de 2019, que é baseado na ideia original de Louis Chiche, William Chiche e Gabriel Chiche, criadores da série “Osmosis” lançada em 2015, a precursora do seriado veiculado pela Netflix. “Osmosis” (2015), também francesa, foi produzida pela ARTE France. Os questionamentos sobre tecnologia e livre arbítrio a partir de um algoritmo capaz de garantir o amor já estavam presentes na série de 2015; contudo, as diferenças são marcantes. Não apenas o enredo e as personagens são distintos, também destoam os enquadramentos, movimentos de câmera, fotografia, enfim, os elementos que compõem a produção audiovisual. A sofisticação técnica adquirida pela “Osmosis” (2019) não deixa dúvidas sobre a dilatação da verba se comparados os seriados. Essa injeção de recursos não é exclusiva dessa produção francesa, afinal produções como “La Casa de Papel” e “Black Mirror”, entre outras, também viram o crescimento exponencial de seus orçamentos com a Netflix, a maior empresa no segmento de *streaming* da atualidade. A diferença no caso de “Osmosis” é que, com exceção da ideia, pouco do seriado original foi aproveitado. Enquanto nos casos de “La Casa de Papel” e “Black Mirror” os seriados foram continuados depois de comprados pela Netflix e ganharam novas temporadas imediatamente associadas com as anteriores. “Osmosis” é um novo seriado e não a continuação do seu precursor.

No prefácio de “Séries Cultes et culte de la série chez les jeunes”, Marc Zaffran afirma que “l’idée de réaliser des séries ne provient pas de la télévision. Elle est exploitée depuis déjà longtemps par la radio, la littérature et le cinéma. Une série, c’est d’abord des personnages”² (Zaffran apud Julier-Costes et al., 2014, p. XI), recordando que o formato seriado de uma história não foi inventado recentemente nem pertence a um único meio. Zaffran é preciso ao apontar que a ideia de uma narrativa seriada não é exclusiva da televisão. Nesse ponto, aproveitamos a abertura provocada pelo escritor para delimitar o tipo de seriado que pretendemos abordar nos próximos parágrafos. Uma vez que nossa intenção está atrelada ao seriado “Osmosis”, debateremos brevemente o seriado televisivo, tomando de empréstimo a observação feita por Jean Pierre Esquenazi, segundo quem as séries televisivas “não são sempre produzidas por empresas ligadas à televisão nem são vistas via o receptor de televisão”³ (Esquenazi, 2017, p. 11).

As séries televisivas são, assim como os filmes e outras produções, compostas por imagens em movimento. Planos, tomadas, movimentos de câmera, cenários, diálogos e temas musicais são alguns dos elementos que as formam e, nesse sentido, não há diferenças em relação às produções cinematográficas. O que, então, caracteriza o formato da série televisiva? O que a diferencia das demais produções audiovisuais?

Sobre as especificidades temporais dos seriados, Esquenazi pondera:

O tempo passa e os telespectadores envelhecem. Por que não fazer evolúrem ao mesmo tempo as personagens ficticiais das séries? O gênero serial e a multiplicação dos episódios

² Em livre tradução: “A ideia de fazer séries não vem da televisão. Há muito tempo, é explorada pelo rádio, pela literatura e pelo cinema. Uma série é, antes de mais nada, sobre personagens”.

³ O autor em questão está discutindo produções atuais, mas são conhecidos os seriados exibidos no cinema nos anos 1950.

de uma mesma ficção oferecem, nessa matéria, novas potencialidades para toda a escrita ficcional. Torna-se possível renovar ou reformar personagens ano após ano, mostrar as transformações de uma família ou percorrer o passado e o futuro numa ordem sempre a definir (Esquenazi, 2011, p. 104).

Ou seja, o formato serial estende no tempo a construção da narrativa e suas personagens são parte dessa elaboração, modificando-se por conta das experiências vividas na trama. Dito isso, voltamo-nos à questão da análise de um episódio de “Osmosis”. Em ‘O teste’ estão colocadas as principais questões existentes em “Osmosis”, compactadas e introdutórias. Por conseguinte, nossa amostra abarca, como não poderia ser diferente, um (dentre muitos possíveis) recorte do seriado. A forma de analisá-lo seguiu os preceitos defendidos por Pierre Sorlin, isto é, análise profunda e interna da obra atenta aos “sistemas relacionais”, noção definida a partir da atenção “à l’intérieur du monde fictif de l’écran, des hiérarchies, des valeurs, des réseaux d’échanges et d’influences”⁴ (Sorlin, 1977, p. 237). Nesse sentido, procurando a análise profunda da obra, elaboramos um relato do episódio em questão. Tal procedimento permite-nos trilhar de forma pormenorizada os passos da investigação comprometida com a imagem em movimento. A partir de então, são debatidos elementos presentes na obra audiovisual destacada, sejam eles as noções de amor, alma gêmea e tecnologia, atentando-se para a forma como aparecem construídos. Por meio desse caminho, procuramos pensar no amor no momento contemporâneo, evidenciando a centralidade da tecnologia nas formas de vivê-lo e concebê-lo nos dias atuais. A concepção de alma gêmea presente em “Osmosis” permite-nos, como veremos no correr do texto, refletir acerca do problema anunciado.

⁴ Em livre tradução: “cada filme constitui, no interior do mundo fictício da tela, hierarquias, valores, redes de troca e de influências”.

1. O episódio 'O teste'

No início de 'O teste', a tela branca contrasta com as palavras "Perfect Match" em rosa e azul. Entre elas, uma forma geométrica mista entre octógono e círculo gira (como o círculo que costuma indicar o carregamento de programas de computador) dando lugar à abóboda de um edifício de arquitetura clássica enquanto os dizeres "Perfect Match, você tem direito ao amor" são pronunciados em voz *off*. Então, dois pés descalços sobem uma escadaria de mármore adornada por um tapete vermelho. Abre-se o enquadramento de forma a abranger uma jovem branca de cabelos ruivos e longos subindo as escadas, Esther. Ela atravessa uma porta para chegar ao salão onde é encarada por homens atraentes e arrumados vestidos de ternos e *smokings*. Ao passar por eles, visualiza um pequeno letreiro com o nome, a idade e a nota de cada um, indicada por uma estrela e medida entre zero e cinco, sob o qual a marca Perfect Match é disposta⁵.

Esther continua andando até chegar a um novo cômodo, o salão da lareira. Ao sentar-se em um sofá vermelho, os homens que ali estavam desaparecem como hologramas desconectados, com exceção do belo rapaz que permanece em sua frente. "Tom, 27 anos, 4,72/5" indica o cartaz que desponta ao lado do seu rosto. Sorridente, ele inicia a conversa rapidamente interrompida a pedido de Esther. A transição entre essa tomada e a posterior é feita de forma a indicar que a mudança de cenário - do salão da lareira para um luxuoso banheiro iluminado por velas - é feita quase que imediatamente, sem interrupções percebíveis. Com isso, a percepção de que se trata de uma dimensão alheia às leis físicas é fortalecida. Na banheira, o rapaz inicialmente deitado sobre o tronco de Esther é conduzido a deslizar sobre o seu corpo. Quando a respiração dela se torna mais ofegante e ritmada, uma voz chama seu nome. Depois de um breve corte, a jovem aparece deitada em posição muito similar à que estava, porém

⁵ Simbolizando o mergulho no fluxo das lembranças.

veste roupas diferentes daquelas que usava até então. Retira os óculos grossos - possivelmente de realidade virtual - do rosto e responde “Sim, Martin”. Escuta, então, que está atrasada para uma reunião e reitera que não deve ser interrompida quando está estudando a concorrência.

Atentamos para o fato de que, no seriado, a tecnologia desenvolvida por Esther e a empresa que fornece essa tecnologia como um serviço são homonimamente denominados Osmosis. Seguindo o padrão utilizado pelas personagens da série, empregaremos artigos masculinos em conjunto com o termo Osmosis em referência ao serviço tecnológico e artigos femininos em referência à empresa. As alusões ao seriado serão sempre indicadas pelo uso do entre aspas. Com isso, pretendemos diminuir quaisquer possibilidades de confusão. Entretanto, não nos furtamos de mencionar que a inexistência de delimitações rígidas é constitutiva do episódio, que apresenta uma série de imagens de fusão e de discursos nesse sentido. Como veremos mais adiante, dentre as imagens, a mais clara é a de Paul, usuário da tecnologia Osmosis, com Joséphine, sua alma gêmea, mas há outras, como a existente entre alguns colaboradores (sobretudo Paul e Esther) e a empresa, ademais da que se manifesta na grande proximidade dos membros do grupo familiar entre si. Sendo assim, conquanto façamos um esforço analítico para diferenciar e categorizar os diferentes empregos do termo Osmosis, tal diferenciação não é claramente apreensível no episódio, uma vez que a ideia central da obra aponta antes para a amálgama do que para a categorização.

Conquanto o episódio seja centrado na invenção de Esther - o Osmosis -, ele tem início com tomadas que abordam os serviços da concorrência, a Perfect Match. Essa, como veremos depois por meio da fala do personagem Paul e de alguns usuários do Osmosis, parece dominar o mercado de aplicativos e softwares de relacionamentos no tempo-espço construído pelo episódio. A mansão, as velas, a banheira, a lareira, entre outros, configu-

ram signos eróticos clichês manipulados pelo Perfect Match que, nesse ambiente de realidade virtual, oferta uma variedade de homens (e muito provavelmente também de mulheres) com quem os consumidores da plataforma podem relacionar-se. Não é possível afirmar com precisão a origem dessas pessoas, contudo, a fala de um dos usuários do Osmosis (apresentada mais adiante) leva-nos a acreditar tratar-se de um coletivo de avatares.

Ao ser chamada, Esther é impedida de atingir o clímax no encontro com Tom. Quando se levanta da cama, pede a Martin - a inteligência artificial criada por ela que se comunica com as personagens a partir de uma voz masculina - que lhe consiga um táxi e entra em uma sala de reunião cuja arquitetura difere grandemente da apresentada pelo edifício anterior. O mármore, os tons pastéis e os rococós da mansão do Perfect Match dão espaço às linhas retas, ao vidro, à iluminação vertical e às cores primárias de uma construção moderna. Em uma sala ampla, algumas pessoas em roupas despojadas escutam a fala de Paul que, de camiseta e com uma garrafa em mãos, discorre sobre a importância do teste beta que será realizado com 12 candidatos no dia seguinte e ressalta que aquele seria o desfecho do trabalho desenvolvido pela equipe nos últimos dois anos com o Osmosis. Caminhando entre os ouvintes em postura confiante, ele afirma que o Osmosis é para aqueles que não aguentam mais os relacionamentos, sem futuro, por aplicativos, e acreditam que a realidade virtual matou os sentimentos. Segue dizendo, "eles acham que não têm mais escolha, então pegam, consomem e jogam fora. Mas, no fundo, querem outra coisa: a intimidade, a paixão, a osmose. A osmose".

Continua o discurso criticando o *slogan* da Perfect Match que, entoado no início do episódio, é mostrado aos participantes da reunião por um *tablet* segurado por Paul. Ele caçoa da concorrente: "Bravo, Perfect Match!", diz em tom zombeteiro, seguido pelos sorrisos de aprovação dos interlocutores. Enquanto a proposta da concorrente é a de que todos têm direito ao amor, a da

Osmosis é a de que o amor é mais do que um direito, é algo para o qual todos se destinam. Por fim, sem deixar de buscar o olhar da irmã, garante que o Osmosis irá inaugurar um novo mundo alavancado na promessa do amor absoluto, na garantia do encontro da alma gêmea.

Pouco interessada na fala do irmão, Esther come uma refeição asiática do tipo *in box* em pé em um canto da sala. Finalizada a reunião, Paul vai ao seu encontro. Eles debatem o número de participantes no teste e, incomodada, ela deixa a sala rumo ao hospital.

2. Os grupos sociais

Esther e Paul Vanhove são as personagens centrais do episódio do qual caracterizaremos os principais grupos sociais. Para tanto, destacaremos os grupos da família, dos colaboradores da empresa Osmosis, dos investidores e dos utilizadores dos seus serviços. Iniciemos, pois, com o grupo familiar, subdividido em dois. Esther, Paul e sua mãe fazem parte da primeira subdivisão desse grupo. As relações sociais que protagonizam localizam-se no presente e no passado da trama. No presente, a personagem da mãe é restrita a uma cama de hospital, doente e impossibilitada de estabelecer interações significativas com o meio. Os irmãos adultos, por sua vez, interagem a partir de diálogos em que discutem problemas familiares e empresariais. As cenas que compartilham são restritas ao ambiente da empresa, que parece servir como uma espécie de segunda casa para ambos, dado o tempo que passam ali. Essa afirmação é especialmente verdadeira com relação à Esther, que dispõe de uma cama em um cômodo reservado do edifício. Enquanto a casa de Paul, um apartamento compartilhado com Joséphine, é mostrada em algumas tomadas do episódio, Esther não aparece em nenhum ambiente doméstico quando adulta. Sua vida parece girar em torno da busca pela cura de sua mãe e do desenvolvimento do Osmosis que são con-

jugados, em sua perspectiva, no decorrer do episódio. Talvez, a empresa não seja sua segunda, mas primeira e única casa. Aqui identificamos uma das imagens de fusão projetadas pelo episódio. Esther e Paul fundem-se com a empresa. Não é possível separar os domínios pessoal e profissional de suas vidas, não há fronteiras para tanto.

O passado, por sua vez, é acessado a partir de memórias gravadas e reproduzidas para a mãe a partir de um pequeno dispositivo que Esther posiciona na têmpora da enferma quando a visita no hospital. Ao som diegético de "Ave Maria" de Schubert, alusão notória à mãe de Jesus, a primeira imagem mnemônica irrompe com enfoque nas páginas de um livro aberto e em pés infantis. Em seguida, a versão de uma criança também ruiva remetendo à Esther aparece na tela e, por fim, a figura da mãe mais jovem é mostrada por meio de um espelho enquanto trechos de "A Branca de Neve" são lidos. A alusão à Santa Maria opera como uma referência - possivelmente a maior do Ocidente - à maternidade e às práticas de cuidado e abnegação que a envolvem. Maria simboliza o ideal máximo da entrega e do amor maternos. O conto "A Branca de Neve", por outro lado, recorda-nos a madrasta obcecada pelo reflexo no espelho e voltada apenas para a satisfação dos próprios interesses. Transformada em bruxa velha na passagem do envenenamento, a rainha má do conto mostra ao mesmo tempo sua verdadeira natureza e seu maior medo. A feiura de sua alma é exteriorizada, torna-se visível a todos.

Ainda que de maneira sutil, a discreta tensão provocada pela coexistência da composição de Schubert e de referências ao conto infantil repercute na cena e é fortalecida pela evidência de um segredo organizador das relações dessa família, o qual será ligeiramente mencionado por Paul em meados do episódio. O altruísmo materno representado pela figura de Santa Maria contrasta com o egoísmo da madrasta capaz de ludibriar e envenenar a enteada, provocando um estranhamento que não passa despercebido.

No quadro mnemônico, a pequena Esther enxerga a si própria e a sua jovem mãe a partir de imagens trêmulas oferecidas por um espelho de mão. Com isso, levanta-se o caráter incerto do passado, o que não parece provocar nenhum tipo de questionamento em Esther. Se a memória nos constitui, questioná-la significaria questionar a si, a quem somos ou acreditamos ser. Paul, o detentor do segredo não revelado, é o único a interrogar as concepções familiares detidas pela irmã. A tecnologia que permite a reprodução dessas memórias não é objeto de questões das personagens, mas aparece como algo passivo, como se aquelas imagens gravadas e apresentadas depois de muitos anos fossem fatos incontestáveis, como se fossem veículos inquestionáveis da verdade. O espelho, então, tem papel importante. Enquanto anuncia a possibilidade de acesso a não mais do que um reflexo trêmulo do passado, fortalece a referência à história da madrastra má.

Por vezes, o ponto de vista de captura dessas imagens mnêmicas parece ser os olhos da mãe; por outras, de uma terceira pessoa não revelada, um observador, que funciona como uma espécie de narrador dotado da função de garantir a fidedignidade das recordações. Na segunda lembrança, a menina parecida com Esther pula em uma piscina⁶ enquanto trechos da passagem do espelho do conto em questão continuam sendo proferidos: “E o espelho respondia: ‘você é a mais bela de todas’. E a rainha ficava feliz, pois sabia que o espelho nunca mentia”. Finalizado o trecho, escuta-se a voz infantil da garota gritando por Paul, que,

⁶ No episódio, a expressão “perfect match”, tomada de empréstimo pela marca homônima que oferta serviços de relacionamento, é usada para designar o encontro entre duas personalidades que se “encaixam” perfeitamente, ou seja, que formam um par afinado e compatível. As notas mensuradas pelas estrelas e compartilhadas por pequenos letreiros não são absolutas, uma vez que dizem respeito ao nível de compatibilidade entre Esther e os homens que ali estão. Dessa forma, sofrem provável alteração dependendo do usuário conectado à plataforma. Fora dos contornos do seriado, a expressão vizinha “dar match” integra o vocabulário sobretudo dos mais jovens no Brasil e, além de ser usada em vários aplicativos atualmente populares, como o Tinder, é também empregada fora dos aplicativos em referência aos casais com grande compatibilidade de gostos, hábitos, crenças, etc.

também criança, salta na piscina para socorrê-la. Ele a leva para a superfície. Sorridente, ela permanece abraçada ao irmão, ainda que use boias nos braços. Em *off*, a voz adulta de Esther diz à mãe que Paul estava cansado daquilo, que ela o forçou a salvá-la.

Se ela forçava o irmão a salvá-la sem necessidade quando criança, na idade adulta, é ela quem o salva por meio do Osmosis, como indicam falas de Paul e de uma personagem pertencente ao segundo subgrupo familiar que abordaremos, a mãe de Niels (o 13º participante do teste beta), na cena em que pede ajuda para o filho. Em diálogo com Esther, a mãe do jovem diz: “você disse ao jornalista que criou o Osmosis para curar o seu irmão”. A programadora não nega tal afirmação, ainda que a rebata com a fala “É diferente”.

Se o Osmosis foi desenvolvido para ajudar Paul em um passado não muito distante, no momento atual, Esther apresenta preocupação constante com o estado de saúde da mãe, mostrando-se afetuosa, ao passo que o irmão volta a atenção aos negócios. Ele não menciona a mãe a não ser para discutir a venda e a hipoteca da casa dela e para aludir, em diálogo com Joséphine, ao misterioso segredo da família. Enquanto Esther é movida pelo anseio de ajudar a doente, Paul não compartilha a mesma preocupação, apresentando aversão à mãe, demonstrada pela distância e pelo misto de desinteresse e incômodo quando ela desponta como assunto.

Nas falas de Paul, as transações comerciais são feitas em nome dos interesses da empresa que, não obstante, se confundem com os dele e com aqueles que ele acredita serem os interesses de Esther. A existência de uma propriedade familiar, bem como a alocação da mãe em um quarto hospitalar individual indicam tratar-se de uma família da classe média francesa. Não são ricos, haja vista a necessidade de investidores externos para a manutenção da empresa; entretanto, tampouco compartilham o estilo de vida das camadas mais pobres.

Fazem parte do segundo subgrupo Niels, sua mãe e seu pai, sobre o qual escutamos apenas os relatos. As relações deles podem ser apreendidas por meio de duas cenas. Já mencionamos a primeira, o encontro entre a mãe de Niels e Esther na entrada da Osmosis. Diante do pedido aflito por ajuda, Esther assiste ao vídeo da candidatura de Niels, a segunda cena. Nessa, o rapaz descreve como se tornou viciado em masturbação. Para tanto, conta que começou a ver pornografia aos oito anos, após encontrar vídeos deixados pelo pai quando ele abandonou a família. Apesar das relações nesses subgrupos serem diferentes entre si, há em comum a expectativa de que o Osmosis seja capaz de solucionar problemas que afetam profundamente as personagens.

Além do grupo familiar, Esther e Paul são igualmente parte do grupo dos colaboradores da empresa Osmosis, o que faz com que as relações sociais que manifestam tenham caráter familiar e laboral. Ele é o diretor executivo da companhia e ela é programadora e, portanto, a principal responsável pelo desenvolvimento dos serviços disponibilizados pela empresa. Além deles, os funcionários Billie Tual, Gabriel e Swann têm destaque no episódio. Billie lida especialmente com o grupo de usuários que realiza o teste beta, Gabriel cuida do setor financeiro e Swann dos trâmites de segurança computacional. Enquanto Esther trabalha nos bastidores da companhia, sozinha diante de telas de computador, Paul lidera a equipe, discute com investidores e protagoniza o anúncio comercial da Osmosis. Ambos estão no topo hierárquico da companhia, cada qual em um posto. No grupo dos investidores, despontam cinco personagens com investimentos ativos na empresa.

Por fim, o grupo dos usuários dos serviços da Osmosis pode ser dividido em dois, as 13 pessoas que participam do teste beta e o casal Paul e Joséphine. Esses, que parecem ser os primeiros utilizadores dessa tecnologia, dividem um apartamento e, mesmo quando estão fisicamente distantes, interagem por meio do Osmosis.

Por seu turno, os participantes do experimento são homens e mulheres com idade aproximada entre 17 e 40 anos. Conquanto alguns estejam temerosos, todos apresentam grande empolgação com a possibilidade de conhecer o serviço que promete o encontro da alma gêmea. Para alguns é dada maior evidência, outros têm papéis secundários pouco explorados.

3. Osmosis

Uma sequência no início do episódio mostra ainda outras personagens de destaque. Elas fazem exames e avaliações preparativos para o teste beta enquanto relatam suas experiências amorosas a Martin, que as entrevista com o intuito de gerar dados para o experimento. Enquanto as falas dessa sequência revelam formas de viver o amor, apresentam também explicações e motivações para a busca do Osmosis, como nos exemplos a seguir, que nos ajudarão a alcançar os valores compartilhados pelo grupo dos usuários e criadores desse serviço. Enquanto pedala em uma bicicleta ergométrica, um rapaz diz que sua atividade sexual é 70% virtual e 30% carnal. Na esteira, outra personagem masculina responde a pergunta sobre o seu melhor orgasmo dizendo que foi virtual, com um avatar no Perfect Match (o serviço usado por Esther nas cenas introdutórias). Dada a inexistência de novas perguntas, assumimos que a personagem seguinte, uma mulher de cabelos compridos e escuros, retruca a mesma questão sobre orgasmos ao dizer que nunca aconteceu e levantar a hipótese de ser defeituosa na parte elétrica.

Essas falas evidenciam o comportamento sexual assumido pelas personagens. Primeiramente, é preciso registrar o mais elementar, a atividade sexual dos participantes é tema de conversação entre humanos e uma inteligência artificial. Nesse sentido, voltamo-nos à dimensão temporal da trama, localizada em um futuro muito próximo, momento ligeiramente adiantado em relação

ao presente, no qual a tecnologia é um pouco mais desenvolvida. Expostas, informações sobre a vida íntima das personagens são coletadas como dados para um teste experimental. Dois homens declaram a prática de relações sexuais “virtuais” e, com isso, vão ao encontro do discurso de Paul na reunião com os colaboradores. Nele, recordamos, o diretor da Osmosis caracteriza os relacionamentos por aplicativos como atos de consumo marcados pela brevidade e pelo descarte.

A realidade virtual é construída como o terreno da satisfação (sobretudo sexual) imediata. Como acompanhamos na sequência introdutória, Esther não tarda para encontrar um belo par disposto a satisfazê-la sexualmente sem qualquer necessidade de interação prévia. Mais abrupto do que o início da relação sexual é o seu desenlace. Ao ser interrompida por Martin, ela retira os óculos e, conseqüentemente, desconecta-se do Perfect Match e de Tom. A mesma realidade virtual responsabilizada por Paul pela morte dos sentimentos é positivamente citada como responsável pelo melhor orgasmo de um dos participantes do teste beta que, a despeito disso, procura pelos serviços da Osmosis, aceitando a função de cobaia no experimento.

Há muitas diferenças entre os serviços dos aplicativos virtuais e o do Osmosis, mas ambos possuem um fator em comum, a expectativa de que a tecnologia coopere para o sucesso no amor, que possui diferentes significados. Na qualidade de modelo representativo dos aplicativos virtuais no episódio, Perfect Match veicula a ideia de que o amor é um direito e o associa ao encontro sexual e à brevidade. Osmosis identifica amor à destinação, tornando aquele o propósito da existência. Além disso, a tecnologia opera de maneiras distintas, por meio de algoritmos ou pela abordagem conjugada de neurotecnologia e tecnologia de comunicação, como é o caso do Osmosis. De qualquer maneira, a escolha dos parceiros é fundamentalmente embasada nos indicadores tecnológicos. Afinal, como é calculado o grau de compatibilidade entre os usuários do Perfect Match a não ser

por um conjunto de algoritmos cuja expressão é uma pontuação em estrelas, disponibilizada em cartaz individual? A questão da escolha individual ganha evidência ainda maior no Osmosis por ser um serviço que promete a revelação da alma gêmea, como voltaremos a discutir.

Ainda nas cenas de perguntas e respostas dos participantes, Lucas conta a história das bodas de ouro de seus avós, usada como explicação para a escolha de buscar o amor via Osmosis. Ele relata que conversou com a avó na comemoração, perguntando-lhe: "Então o verdadeiro amor é isso? Aquele que dura para sempre?". A resposta dela, casada há 50 anos e mãe de seis filhos, foi a de que jamais conhecera o amor verdadeiro. Posto isso, Lucas afirma o desejo de conhecer o amor e "fazer a escolha certa". Sua resposta é fundamental por verbalizar um valor central e intimamente associado à existência do Osmosis: "escolher" acertadamente. A tecnologia comercializada pelos irmãos Esther e Paul promete a garantia da escolha certa, a revelação de duas pessoas que estavam destinadas uma à outra. As personagens não querem depender "apenas" de sua inteligência e sensibilidade para eleger o parceiro amoroso. Elas anseiam pelo apontamento certo ofertado pela tecnologia. No pano de fundo da comercialização do Osmosis reside, entre outros aspectos que trabalharemos no correr do texto, a vontade de suprimir o risco relacionado ao amor. Em outros termos, há a preferência pelos apontamentos dos dados científicos, pois se acredita que serão mais seguros, menos passíveis de erros. Nesse sentido, tanto Perfect Match quanto Osmosis oferecem serviços tecnológicos que visam à diminuição do erro e, conseqüentemente, das dúvidas e decepções amorosas. Visa-se a satisfação. Como vimos, naquele, a compatibilidade entre usuários (avatars ou não) é matematicamente calculada e exposta nos cartazes individuais. Na sequência de abertura do episódio, Esther escolhe Tom cujo cartaz aponta a maior compatibilidade entre os homens do salão, 4,72 de 5. Osmosis, por seu turno, promete descortinar a alma gêmea.

Emerge, assim, a oposição entre a alma gêmea e a multiplicidade de parceiros, entre os relacionamentos duradouros e os efêmeros. A alma gêmea, princípio guia do Osmosis, é vista como a condição para que o amor verdadeiro seja conhecido. Paul nos dá pistas sobre o seu parecer acerca da natureza do amor ao mencionar a paixão e a intimidade, mas é nas cenas posteriores, principalmente naquelas que mostram a conexão entre Joséphine e ele via o implante do Osmosis, que isso ficará mais claro.

Constrói-se a ideia de que rotatividade de parceiros é a marca dos relacionamentos na “era dos aplicativos”, cenário de extensa liberdade sexual e amorosa. Nesse quesito, não nos furtamos de mencionar a revolução sexual do último século que, dilatada e desdobrada, encontrou os avanços tecnológicos digitais especialmente desenvolvidos e popularizados desde a década de 1980. No episódio ‘O teste’, esse encontro é abordado na mobilização dos aplicativos de relacionamentos e da tecnologia Osmosis: diante da lógica dos aplicativos denunciada por Paul, abre-se um caminho tão ou mais tecnológico, o próprio Osmosis, que parece ser concebido como uma nova via frente ao desgaste de serviços do tipo do Perfect Match. Ao revisitar a noção de alma gêmea, essa inovação tecnológica aposta na troca da multiplicidade de parceiros pela unicidade, da ampla liberdade de escolha pelo “amor verdadeiro” e da brevidade das relações pela duração. Colocado de forma mais sucinta (e talvez radical), a liberdade sexual e a felicidade são desvinculadas. Ou seja, a liberdade sexual não é encarada como um caminho para a felicidade, como apontam inúmeros discursos promovedores e herdeiros da revolução sexual de 1960. A questão da escolha está também vinculada a isso.

Em última instância, os utilizadores do Osmosis não perdem a liberdade de escolher os parceiros, afinal, não são obrigados a seguir a indicação do implante e, caso a sigam, podem mudar de ideia a qualquer momento, tendo inclusive garantido o direito de deixar de usar os serviços da empresa. Entretanto, sublinha-

mos que elementos associados à liberdade sexual e amplamente valorizados desde a revolução de 1960 não são encarados como um caminho para a felicidade. O sexo livre, marca dos movimentos da contracultura do último século, passa a ser constrangido pelo amor entre “almas predestinadas” unidas graças à tecnologia. A satisfação do gozo em encontros efêmeros é rebaixada diante da união sublime no V-Eternity, dimensão disponibilizada pelo Osmosis sobre a qual nos debruçaremos mais adiante.

Na revolução sexual de 1960, a sexualidade foi liberada de uma série de constrações morais, religiosas e legais. A dissociação entre sexo, reprodução e casamento e a autonomia sexual e profissional feminina ganharam terreno (Giddens, 1992, p. 59-64; Lipovetsky, 1999, p. 19-20; Lasch, 1983, p. 233-236). Conquanto o termo “revolução sexual” tenha sido listado pelos pesquisadores e pelo senso comum para nomear o conjunto de mudanças observadas na segunda metade do último século, ele abrange a concomitante transformação no amor. É sempre difícil e geralmente pouco proveitosa a delimitação conceitual estrita entre o domínio do sexo e o domínio do amor. Ainda assim, é interessante pensar que a predileção pelo termo “sexual” para denominar tal conjunto de mudanças é também um indício do lugar que o sexo passou a ocupar no Ocidente. Nas análises de Giddens (1992) e de Lipovetsky (1999), as transformações no amor são impulsionadas pelas sexuais. Tanto a crescente distinção entre sexo e amor nos discursos de todas as ordens, inclusive nos sociológicos, quanto a predileção por priorizar o sexo ao amor nas análises citadas são indicativos dos comportamentos e ideias que ganharam espaço no correr dessa revolução. Nos movimentos da contracultura, a liberdade sexual foi tomada como um caminho capaz de libertar os impulsos reprimidos, vistos como responsáveis pela violência e frustrações individuais e por diversos problemas sociais. A libertação das amarras sexuais continha a promessa de superação das catástrofes geradas pelas grandes guerras, de resistência aos conflitos e ditaduras, de forma a fortalecer a percepção de que a liberdade e o prazer sexual levariam a uma sociedade livre do mal-estar.

A liberdade para escolher e trocar de parceiros nos aplicativos de relacionamentos referenciados em Osmosis tem raízes na revolução sexual dos anos 1960 que, por sua vez, tem raízes no que Edward Shorter (1977) chama de primeira revolução sexual. Iniciada no final do século XVIII, é caracterizada pela atenção aos sentimentos e à relação amorosa e pelo crescimento da livre eleição de matrimônios e das atividades sexuais pré-conjugais. Com ressalvas, em diálogo com Shorter, Giddens denomina o período abrangido por essa revolução de fase romântica.

A aposta do Osmosis, também herdeira dessas revoluções, rompe com a questão da pluralidade de parceiros e da efemeridade dos encontros característica dos aplicativos. A partir disso, não afirmamos um retrocesso na libertação de Eros observada nas revoluções sexuais, mas percebemos uma resposta dos herdeiros dessas revoluções que procura escapar da ampla liberdade sexual. O discurso de Paul e o serviço de sua empresa são consequências das revoluções sexuais, mas não buscam ampliação da liberdade. Seguem, porém, exigindo a satisfação e a conectam ao amor cuja vivência plena depende do encontro entre almas gêmeas. A busca pelo amor como fonte de satisfação faz parte das falas das personagens ligadas ao Osmosis. Acredita-se que semelhante satisfação, todavia, não nasça de encontros fortuitos, muito menos de ligações desprovidas de profundidade como as oferecidas pelos aplicativos mencionados no episódio.

Entre os defensores do Osmosis, circula a ideia de que isso que temos chamado de satisfação, mas que poderia ser com justiça denominado felicidade, nasce da completude proporcionada pela reunião de pessoas mutuamente destinadas. A concepção de almas gêmeas e almas irmãs é bastante antiga no Ocidente. O aspecto inovador e indubitavelmente moderno presente em “Osmosis” encontra-se no anseio pela precisão científica. As combinações tecnológicas oferecidas pela criação de Esther emergem como meio eficaz de supressão das dúvidas. O amor deixa de ser uma questão para tornar-se certeza. Como já apon-

tamos, entre as personagens, os questionamentos provocados pelo amor não são de ordem conceitual, mas dizem respeito à experiência amorosa, como e com quem vivê-la. Assim, mobilizamos os apontamentos de Beck-Gernsheim e Beck (2018), Giddens (1992) e Bauman (2001) acerca da conexão entre a centralidade do indivíduo e a constituição das relações amorosas na contemporaneidade. Beck-Gernsheim e Beck discutem a combinação entre individualização e a crescente importância do amor atualmente. O movimento de desenlace do indivíduo ante a dissolução dos estamentos, classes e comunidades caminhou ao lado do aumento da relevância do amor, buscado como fonte de estabilidade.

Acreditamos que, no episódio, a comercialização do Osmosis dialoga com a individualização no seguinte sentido: uma vez que cabe ao indivíduo a condução de sua vida de maneira cada vez mais livre (especialmente quando comparada às coibições rijas observadas nas sociedades pré-modernas e mesmo nas sociedades industriais), o peso da escolha pode tornar-se um fardo demasiadamente difícil, sobretudo quando as escolhas dizem respeito ao amor, domínio tão valorizado. Depender apenas de si na tomada de decisões amorosas pode ser extremamente assustador, principalmente quando as relações amorosas recebem tantos investimentos e são vistas como caminho para a felicidade. Opta-se, então, por algo que parece mais seguro e afim com os valores propagados no processo de racionalização.

Dessa forma, os algoritmos matemáticos, representados pela figura da inteligência artificial Martin, são responsabilizados por indicar com quem os usuários do Osmosis devem relacionar-se. Isso, parece-nos, é mais uma faceta do processo de racionalização discutido por Max Weber (2005). O intento de a tudo dominar por meio da previsão alcança a escolha do parceiro. Curiosamente, conquanto os trâmites do Osmosis sejam tecnológicos, a aparência de sua funcionalidade guarda algo de mágico e fantástico bem demonstrado pela fala de Billie disposta no próximo

parágrafo. Tal natureza misteriosa intriga os participantes e ajuda a fortalecer a aura transcendental do amor. Isso ocorre inclusive por conta do discurso centrado na alma gêmea, essa noção *a priori* jamais explicada e a partir da qual o Osmosis se sustenta.

Doravante, com o objetivo de enriquecer a discussão, acompanhemos de forma mais detalhada como as relações sociais dos grupos destacados são construídas e como o Osmosis opera. Após a sequência de perguntas e respostas com os participantes dos testes, a tela é tomada por um enquadramento fechado no braço de Ana que, dentro de um tubo transparente, recebe uma dolorosa descarga elétrica. Após colocar um curativo na altura do pulso da jovem, ele explica o funcionamento do serviço: “com a tatuagem, você e sua alma gêmea poderão se conectar pelo V-Eternity e alcançar uma osmose emocional total”.

Nas cenas seguintes, as palavras ganham vida a partir da conexão entre Joséphine e Paul, facilitando a compreensão do que se denomina como “osmose emocional total”. A câmera, na entrada de um salão iluminado pela luz solar que transpassa grandes janelas de vidro, captura a repetição de uma sequência de passos de dança. Depois de algumas tentativas fracassadas, Joséphine cai antes de completar o salto. Frustrada, retira-se do ambiente para isolar-se em outro cômodo onde apoia o pulso esquerdo sobre a barra, deixando à mostra a discreta tatuagem na parte interna de seu antebraço, um desenho circular translúcido. Com um movimento do dedo indicador sobre a gravura, torna-a mais iluminada. Após um corte, vemos Paul atentar para a tatuagem luminosa de seu próprio braço, idêntica à de Joséphine, como se atendessem a um chamado dela. Ambos fecham os olhos e outra dimensão ganha as telas. Não mais o estúdio de dança onde ela estava ou o escritório em que ele se encontrava, mas um fundo completamente negro, alheio à gravidade. Nus, Joséphine e Paul alcançam-se mutuamente, beijam-se. O enquadramento recorta partes de seus corpos, pescoço, seios, bocas, enfocando a troca de carícias. Depois de um novo corte, ambos aparecem nos am-

bientes em que se encontravam fisicamente, abrindo os olhos num recobrar da consciência. De volta ao estúdio, ela aparece revigorada e finalmente acerta os passos, o que lhe garante a seleção para apresentações internacionais.

Apenas após essa passagem, o título do seriado ganha destaque. Os corpos nus de Paul e Joséphine entrelaçam-se flutuando no escuro enquanto a palavra "Osmosis" surge letra por letra. O título do seriado e o nome da empresa e do serviço por ela oferecido são homônimos, referenciados pelo termo em latim que diz respeito à osmose emocional total mencionada por Billie no diálogo com Ana. Conectados pelo V-Eternity a partir do acionamento da tatuagem, eles, considerados almas gêmeas, podem experimentar a mistura de seus corpos, pensamentos e sentimentos. Na dimensão escura, nada mais existe a não ser o casal em uma dança suave capaz de expressar a fusão de duas pessoas profundamente envolvidas e completamente alheias à realidade física que as rodeia. A osmose possibilitada pelo V-Eternity é a finalidade última do serviço proporcionado pela empresa dos irmãos Vanhove e, segundo Billie, pode ocorrer somente entre almas gêmeas. A ideia de amor construída no episódio passa por essa fusão vista como restauradora, aludindo à concepção de que os homens e as mulheres são seres que só alcançam a completude quando unidos à metade que lhes faltam.

Posteriormente, em reunião iniciada por Gabriel, outras características do Osmosis são reveladas. Com a ajuda de uma projeção, Billie explica que o implante funciona como uma pílula que libera um exame de nanorrobôs no cérebro de quem a ingere. Os robôs minúsculos são programados para recuperar os sinais do subconsciente que, decodificados pela inteligência artificial do Osmosis, são conectados às redes sociais de todo o mundo para selecionar um único perfil. Continua: "O Osmosis vai recriar a imagem que você tem em sua mente sem saber. E essa imagem é o rosto da sua alma gêmea". Ou seja, trata-se de uma tecnologia complexa que abarca aspectos neurológicos, robóticos, digitais

e de comunicação ao unir a decodificação de impulsos cerebrais capturados por pequenos robôs às informações compartilhadas em redes sociais.

Tão logo a apresentação termina, é aberto espaço para questões. Prontamente, um dos participantes levanta a mão e pergunta “esse troço é místico ou científico?”. A palavra é dada à Esther que, diante da questão, afirma que o Osmosis não cria, mas revela, uma vez que lê os impulsos elétricos e as reações químicas que compõem os pensamentos e sentimentos de cada pessoa. Conclui: “Na verdade, o Osmosis não cria nada. Ele revela você”. Com isso, ela sugere que a imagem da alma gêmea é, de alguma forma, inerente às pessoas. Afinal, cabe ao Osmosis apenas jogar luz sobre uma imagem que jaz codificada no conjunto de pensamentos e sentimentos. Essa concepção conecta-se à ideia proclamada pelo discurso de Paul no início do episódio, segundo o qual o amor é destinado a todos.

Enquanto o slogan da concorrente - “Perfect Match, você tem direito ao amor” - evoca a questão dos direitos, cara às sociedades democráticas modernas construídas sobre os pilares iluministas, o discurso da equipe da Osmosis evoca o destino. Os direitos políticos, sociais e civis enaltecidos pela revolução francesa e pela independência estadunidense espalharam-se no século XIX. No século XX, outra sorte de direitos ganhou terreno. Buscados menos por meios revolucionários estrondosos que por aquilo que Lipovetsky considera a revolução do cotidiano, esse conjunto de direitos passou a ser reivindicado no dia a dia. “Eis o fenômeno que nos modificou: é com a revolução do cotidiano, com as profundas convulsões nas aspirações e nos modos de vida estimuladas pelo último meio século, que surge a consagração do presente” (Lipovetsky, 2004, p. 59). Seguiram-se, assim, o direito ao consumo, ao bem-estar, ao prazer e ao amor (colocados no mesmo pacote). Tais direitos, parece-nos, caminham em conjunto com a crescente autonomia individual, afrouxados em relação às perspectivas coletivas mais amplas. Trata-se sobretudo

do de aspirações centradas no indivíduo, que se torna o núcleo de mudanças que ele espera que recaiam sobre si.

O serviço ofertado pelo Perfect Match promete aos usuários o encontro do amor a partir de uma interface, conjugando consumo, autonomia individual, amor e tecnologia. Tratar o amor como um direito significa aproximá-lo de um conjunto de normas referenciais. Ocorre que, como a relação amorosa depende de ao menos duas pessoas, não há qualquer garantia de que ela exista, a não ser ao esbarrar em outros direitos individuais caros à modernidade. Os avatares, então, emergem como a solução do Perfect Match. Se todos têm direito ao amor, ele só pode ser garantido por entidades tecnológicas controladas por computadores invisíveis. Por sua vez, o Osmosis assegura que "o amor se destina a todos", retirando o amor do campo do direito para colocá-lo como um aspecto do destino, algo para o qual o homem e a mulher foram supostamente criados independentemente das condições de suas existências.

A fala de Esther - o Osmosis "revela você" - indica que a manifestação da alma gêmea implica a revelação de si. Em outros termos, ao revelar alguém, o Osmosis traz à tona seu par, posto que esses dois seres, essas duas pessoas, são partes de um mesmo todo. A empresa dos irmãos Vanhove promete a osmose emocional total a partir da noção de que todos possuem uma alma gêmea cuja imagem reside no espírito humano, pronta para ser decifrada.

4. Alma gêmea

Vejam os "O Banquete", centrados no discurso de Aristófanes. Em louvor a Eros, ele, o quarto orador da noite descrita por Apolodoro, afirma a falta de percepção dos homens acerca do poder do amor. "É ele com efeito o deus mais amigo do homem, protetor e médico desses males, de cuja cura dependeria sem dúvida a maior felicidade para o gênero humano" (Platão, 2003, p. 20),

diz. Inicia o relato de um tempo antigo em que a natureza humana era outra. Primeiramente, havia três gêneros, não apenas o feminino e o masculino, também o andrógono. Ademais, a forma humana era inteiriça, com o dorso arredondado. Quatro mãos e pernas formavam cada ser que dispunha de dois rostos opostos sobre um único pescoço. No topo, uma só cabeça. De tão fortes e presunçosos, esses seres escalaram ao céu em uma investida contra os deuses.

O atentado contra os deuses foi tomado como sinal de grande arrogância. Eles, após refletirem sobre o que deveria ser feito, conceberam uma maneira de enfraquecer os homens sem lhes tirar a vida, mantendo com isso as honras e templos que lhes eram ofertados. Decidiram, assim, cortá-los em dois, tornando-os mais numerosos e fracos. Dessa forma, além de evitar novas escaladas ao céu, ainda multiplicariam as ofertas, já que os próprios homens seriam multiplicados. Zeus solicitou a Apolo que, ao cortá-los, torcesse os seus rostos para o lado do corte como forma de obrigá-los a contemplar a própria mutilação cujo umbigo é a cicatriz. Por essa única abertura no meio do ventre, Apolo ligava firmemente a pele repuxada. Algumas das pregas advindas da junção de pele foram polidas, outras deixadas, como as que estão à volta do ventre e o próprio umbigo. Desde semelhante mutilação, o homem vagou pela Terra, passou a ansiar por sua metade

e a ela se unia, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro, no ardor de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral, por nada quererem fazer longe um do outro. E sempre que morria uma das metades e a outra ficava, a que ficava procurava outra e com ela se enlaçava, quer se encontrasse com a metade do todo que era mulher - o que agora chamamos mulher — quer com a de um homem; e assim iam-se destruindo. (Platão, 2003, p. 21).

À busca pela natureza alterada e “ao desejo e procura do todo que se dá o nome de amor” (Platão, 2003, p. 23). Segundo Aris-

tófanes, o amor, portanto, é a procura pela restauração da antiga natureza humana. A busca pelo outro é a busca por si, a tentativa de restaurar o todo perdido, de curar uma ferida dolorosa diariamente contemplada por seres que receberam o castigo da mutilação. O homem seria feliz se realizasse plenamente o amor:

É então de há tanto tempo que o amor de um pelo outro está implantado nos homens, restaurador da nossa antiga natureza, em sua tentativa de fazer um só de dois e de curar a natureza humana. Cada um de nós portanto é uma tésseira complementar de um homem, porque cortado como os linguados, de um só em dois; e procura então cada um o seu próprio complemento. (Platão, 2003, p. 22).

O discurso gira em torno da união, primeiramente, de dois seres separados por Apolo, mas não é exclusiva a eles, pode ser guiada pelo gênero (feminino, masculino ou andrógeno) quando há a necessidade de buscar a metade que não seja aquela originalmente apartada, como ocorreu logo após o corte ordenado por Zeus. Estabelece-se a noção de incompletude. O homem é apresentado como um ser amputado e o amor é justamente o desejo e a busca pela unidade. Quando há o encontro com a metade perdida, o destino dos que insistem na fusão de outrora é a inércia e a morte. Ao citar, ainda que brevemente, a destruição oriunda da união entre duas metades, o discurso de Aristófanes sugere a tragédia advinda da impossibilidade de reunir dois seres. O homem teve sua natureza modificada. Conquanto anseie pela totalidade primitiva, essa lhe é vedada e os que insistem em realizá-la pagam com a vida.

Não há qualquer menção à expressão "alma gêmea" na fala de Aristófanes, que, diferente do que muitos afirmam, não pode ser encarada como o discurso por excelência sobre o tema. Antes, podemos afirmar que ela contém bases e noções que, desdobradas e modificadas, ressoaram no tempo e ganharam características específicas em outros períodos, abrindo espaço para que surgisse aquela

noção. A ideia original do homem incompleto dividido em dois relatada por Platão teve terreno particularmente fértil na literatura romântica, unindo-se à noção de alma propagada pelo cristianismo. Consequentemente, a metade complementar já não poderia ser um tipo genérico que respeitasse somente o gênero feminino, masculino ou andrógono original. Na tradição cristã, a alma é única.

Conforme a ideia de indivíduo ganhou força no Ocidente, somada à concepção cristã de alma, as metades passaram a ser encaradas como seres singulares e insubstituíveis. Apenas uma pessoa, uma alma, seria o complemento de outra igualmente única. Por isso, trata-se da “pessoa certa” e de nenhuma outra. Isaiah Berlin, diante da difícil tarefa de definir o Romantismo, levanta características capazes de dar a dimensão da complexidade e variedade do movimento romântico:

O Romantismo é o primitivo, o ignorante, é a juventude, a exuberante sensação de vida do homem natural, mas também é palidez, febre, doença, decadência (...), a própria Morte. (...) É a plenitude vigorosa e confusa e a riqueza da vida (...), a multiplicidade inexaurível, a turbulência, a violência, o conflito, o caos, mas também é a paz (...) (Berlin, 2015, p. 42-43).

A pluralidade da aceção defendida por Berlin é tamanha que nos leva a questionar se há algo que o Romantismo não abarque. Por outro lado, a força dessa definição coloca-nos diante do espírito romântico, de sua energia e contradições. Nicola Abbagnano, por sua vez, oferece uma definição mais uniforme:

O movimento filosófico, literário e artístico que começou nos últimos anos do século XVIII, floresceu nos primeiros anos do séc. XIX e constituiu a marca característica desse século. O significado comum do termo romântico, que significa sentimental, deriva de um dos aspectos mais evidentes desse movimento, que é a valorização do sentimento (...)

Nos costumes, o amor romântico busca a unidade absoluta entre os amantes. (Abbagnano, 2002, p. 862).

A busca da “unidade absoluta entre os amantes” mencionada por Abbagnano dialoga com a noção de restituição de uma unidade porventura perdida que ecoa em obras românticas a partir de alguns caminhos, como a exacerbação da nostalgia e a predileção pelo retorno à infância, à natureza e à antiguidade greco-romana, mas também pelo caminho do encontro de um par perfeito, um amante com quem não haja menos do que completude. Semelhante busca é frequentemente causa de grandes tragédias, como em “Os sofrimentos do Jovem Werther” (2006), para citar o berço romântico alemão. Mas reside em “As afinidades eletivas” (2014) uma proposta particularmente interessante, na qual o amor é posicionado entre a razão e a emoção, entre a escolha e a propensão natural, as afinidades. Nesse, em diálogo entre Charlotte, Eduard e o capitão, fica claro o peso das condições naturais, expressas por meio da alusão à Química, em conjunto à importância da escolha. Vejamos alguns trechos, iniciando por uma fala do capitão:

Aquilo que designamos por calcário é de fato uma terra cálcica mais ou menos pura, intimamente ligada a um ácido fraco que conhecemos sob a forma gasosa. Se colocarmos um pedaço desse mineral em contato com uma solução de ácido sulfúrico diluído, ele se prenderá à cal e, associado a ela, aparecerá na forma do gesso, ao passo que o ácido, fraco e gasoso, escapará. Aqui se veem uma separação e um novo composto; acreditamos então que o emprego do termo afinidade eletiva está justificado, pois temos a impressão de que uma relação foi realmente favorecida, de que houve uma escolha em detrimento de outra (Goethe, 2014, p. 31).

Seguido pela resposta de Charlotte: “Neste ponto eu jamais identificaria uma escolha; percebo no máximo uma necessidade natural, pois no fim das contas trata-se de uma questão de oportunidades. A ocasião determina a relação (...)” (Goethe, 2014, p.

31). Em outra fala dessa personagem, há, em um jogo de palavras, o elogio ao gesso, que, acabado (engessado), não estaria sujeito às ligações - termo também lido como relações -, diferentemente de outros seres e elementos suscetíveis de adversidades: “O gesso tem boas perspectivas diante de si, está pronto e acabado, constitui um corpo e nada lhe falta. Mas o ser que foi expulso enfrentará adversidades até o dia em que retorne lá de cima” (Goethe, 2014, p. 31).

Nessa obra, as relações abarcam sentidos de falta e completude, estabelecidas na tensão entre eleição individual e inclinação natural, lembrando-nos das ligações químicas nas quais os átomos procuram estabilidade por meio da doação ou compartilhamento de elétrons. Ainda que o modelo atômico adotado atualmente seja uma novidade em relação ao livro, escrito por Goethe em 1808, seu aspecto importante para nosso estudo reside na capacidade de permitir o acesso a essa ideia que aproxima os homens e as mulheres de elementos químicos com maior ou menor propensão natural de ligação (relação) com outros elementos (pessoas). Aí estão contidos indícios do movimento que retira as noções de relação e completude do aspecto mitológico e puramente emocional. Por meio de hipóteses que aproximam relações entre pessoas e ligações entre compostos químicos, o livro permite-nos conhecer uma novidade do período ao dar ao relacionamento amoroso características que podem ser apreendidas pelas ciências da natureza, cujo modelo sistematizado de estudo estava em franca expansão, condição para o desenvolvimento tecnológico conhecido na atualidade. Assim, vemos na discussão de Charlotte, Eduard e o capitão ideias que unem o pensamento científico e o amor. Séculos depois, desdobramentos dessas ideias, ainda incipientes em Goethe, são encontrados em ‘O teste’.

No primeiro episódio de “Osmosis”, a grande promessa da invenção de Esther é garantir o encontro do par amoroso a todos os usuários do implante desenvolvido por ela e pelos demais mem-

bros da equipe, entrelaçando avanços tecnológicos e a noção de alma gêmea, que ganha, assim, novos tons. Paul e Joséphine exemplificam a relação dessas almas cujo expoente mais significativo reside na conexão via V-Eternity. Ambos renunciam à consciência no plano físico, aproximam-se suavemente, nus, em um ambiente completamente escuro, alheio ao mundo que conhecemos. Unem-se por um beijo. De volta à consciência, parecem revigorados e fortalecidos. Ainda que compartilhem um apartamento e levem uma vida juntos, é por meio do V-Eternity que têm essa forma *sui generis* de conexão. Os encontros profundos e restauradores ocorrem na dimensão escura e de gravidade relativa promovida pelo Osmosis. À luz da filosofia platônica expressa pelo discurso de Aristófanes, o fortalecimento oriundo dessa conexão sugere o retorno a uma forma humana completa e harmônica revivida graças aos recursos tecnológicos.

De volta ao fluxo do episódio, vemos Paul retornar à Osmosis após uma reunião com os investidores. Ele, então, solicita o acionamento da cláusula de rescisão dos acionistas. Em sua sala, dispostas em uma estante de vidro, esculturas coloridas mostram casais em abraços profundos, rememorando a representação de Cupido e Psiquê de Antonio Canova, enquanto uma versão inspirada em "O Nascimento de Vênus" de Botticelli desponta em uma das paredes, somando elementos relacionados ao amor. As esculturas e o quadro são leituras modernas de obras clássicas, alusões à proposta do Osmosis, por sua vez, uma versão moderna e tecnológica da noção de alma gêmea. O quadro é especialmente interessante nesse quesito, pois é formado por pequenos quadrados e retângulos de diferentes cores, tais como os pixels das imagens digitalizadas veiculadas por computadores, videogames e outros aparelhos do gênero. Nasce assim uma nova Vênus, fruto de sopro e espuma digitais.

Esther entra na sala. Comunicam-lhe a situação com os acionistas e Paul questiona se ela pode finalizar o teste em um mês. Diante da resposta negativa da irmã, ele pergunta a Gabriel

quanto tempo teriam caso vendessem a casa de sua mãe. Esther fica nervosa, argumenta contrariamente, pontua a importância do ambiente familiar para o despertar da mãe. Numa atitude manipuladora, Paul retruca, reforçando a necessidade de completar o teste em um mês para evitar a venda da casa. Esther e Gabriel, por seu turno, recordam a importância da segurança no procedimento ao mencionar a ampliação do tempo de conexão com o experimento e o lançamento. Graças ao número de participantes, o sistema precisaria se adaptar à conexão interrompida com os implantes. Nesse momento, uma melodia suave invade a cena. Paul, então, aproxima-se da irmã, pede para que ela o olhe e pergunta se recorda do que disse quando sua mãe adoeceu. “Esther e Paul contra o mundo?”, ela pergunta. Ele repete: “Esther e Paul contra o mundo”. Por fim, ainda com os olhares cruzados, acordam que a finalização do teste seria feita dentro de dois meses.

Esther retorna ao hospital e, em diálogo com Martin, revela suas intenções pessoais por trás do desenvolvimento do Osmosis: encontrar um usuário com uma rede TR-3 igual a de sua mãe. Com isso, pretende recuperar a memória perdida e curar a enferma. Semelhante propósito e os perigos dele advindos ficam claros com o desenrolar do episódio e não escapam daquilo que mencionamos anteriormente, a expectativa de que o Osmosis seja capaz de solucionar problemas que afetam profundamente as personagens. Tal solução reside no amor exato e restaurador. Exato, porque resulta da combinação de dados recolhidos por nanorrobôs e lidos por uma inteligência artificial, processo que procura eliminar os erros e enganos característicos das ações humanas. Restaurador, porque torna completo aquele que estava mutilado. Na busca da protagonista pela cura do irmão e da mãe reside a metáfora do Osmosis: a cura pelo amor que completa, inteira, íntegra.

Ainda que os usuários do Osmosis mantenham, em última instância, a liberdade de escolha, como debatemos anteriormente,

perdem a autonomia de decisão ao entregar a capacidade de gerir a própria vida a um serviço tecnológico. Na busca pela exatidão, na procura pelo controle, investem o Osmosis da capacidade de encontrar o parceiro "certo". Habitadas aos aplicativos de relacionamento, as personagens voltam-se às promessas do Osmosis. No Perfect Match, a compatibilidade entre os usuários é, tudo indica, calculada por algoritmos de forma a oferecer suporte matemático às escolhas. No Osmosis, os usuários tampouco ficam sujeitos aos riscos de suas próprias decisões, uma vez que se apoiam nos apontamentos da invenção de Esther. Seja no Perfect Match, seja no Osmosis, é dada à ciência, especialmente à tecnologia, a faculdade de acertar, de diminuir os erros e de tornar a vida mais planejada e menos assustadora. Por meio do cálculo científico, busca-se a objetividade, a assertividade no amor.

Na cena seguinte, Joséphine e Paul flutuam mais uma vez na escuridão do V-Eternity em um encaixe corporal perfeito. A opção pela extensão temporal do plano aberto inicial somada à melodia tranquila e ao movimento lento e contínuo das personagens produz a impressão de que tal dimensão desconhece o tempo. O nome - V-Eternity - coopera em favor dessa percepção, afinal a eternidade manifesta no termo inglês diz respeito à duração sem princípio nem fim. No quesito espacial, não há qualquer delimitação que indique limites. Tal como o tempo, parece não ter começo ou fim. Dessa forma, o V-Eternity expressa o caráter eterno das almas gêmeas, construídas no episódio sem indicações acerca da sua origem e destino. Aponta ainda que o encontro restaurador entre Joséphine e Paul está acima das leis físicas que regem o mundo.

No V-Eternity, as falas das personagens são proferidas sem qualquer movimentação labial. Parece que a afinidade dos corpos e almas é tamanha que a comunicação não carece da linguagem verbal. Ainda assim, falas de motivação de Joséphine alcançam Paul, que desperta em uma das salas da empresa. Seu relógio de pulso marca 11 horas e 15 minutos. É noite. O lugar parece não

ter mais ninguém, a não ser Esther, que atravessa um corredor rumo ao banheiro. Ela toma banho, deita-se em uma cama de solteiro e veste os óculos do Perfect Match enquanto as luzes do ambiente são apagadas automaticamente, o que reforça a hipótese de que ela mora na empresa.

Na manhã seguinte, Paul divulga uma gravação ao vivo centrada no anúncio de que o Osmosis estaria acessível a todo o público em um mês. O impacto do vídeo é imediato e Esther e Gabriel logo questionam a atitude de Paul que, por sua vez, revela a decisão de hipotecar a casa da família. Furiosa, Esther sai da sala. Nesse momento, após o corte, iniciam-se as cenas voltadas aos preparativos para a ingestão do implante, entremeadas por tomadas centradas no encontro dos irmãos após o desentendimento gerado pelo anúncio.

Por meio do espelho do lavabo, em nova alusão ao reflexo - recordando aquela contida na leitura de “A Branca de Neve” -, Esther percebe a aproximação de Paul. Primeiramente, lança a ele um olhar raivoso, depois, volta os olhos para o chão, como se não conseguisse encará-lo diretamente. Ele, também através do reflexo do espelho, pede desculpas, explica a falta de opções; reitera que hipotecou a casa pela irmã, para proteger sua criação. Então, pergunta a causa de sua recusa a ser feliz. “Tome a pílula e encontre sua alma gêmea”, fala próximo à orelha de Esther. Ela retruca com uma expressão facial pesada e a voz um pouco triste, “Já tenho duas almas gêmeas que tomam todo meu tempo”, em alusão à sua mãe e ao irmão. Ele apoia a testa na têmpora dela, expressando não apenas a grande intimidade entre eles como também seu próprio pesar diante da situação.

A invenção de Esther e a gestão de Paul, bem como as relações de ambos enquanto colaboradores da Osmosis, são permeadas por suas relações familiares. Diante do espelho, os irmãos refletem-se mutuamente. A imagem de um revela o reflexo do outro e vice-versa. Não por acaso, Esther caracteriza o irmão como sua

alma gêmea, tampouco por acaso ambos repetem a frase “Esther e Paul contra o mundo”, afirmando a contiguidade da dupla. A intimidade entre ambos pode ser também apreendida pela frequência de toques longos e significativos. A busca pela integração e o pensamento do tipo “nós” e “eles” presente na fala dos irmãos apontam para a tentativa de construção de uma unidade a despeito do restante do mundo e, portanto, aproxima-se da lógica guia do Osmosis. Associamos essa predileção por relacionamentos nucleares, vistos enquanto fonte de significado e sentido, com uma característica das sociedades contemporâneas nas quais redes amplas e entidades sociais organizadoras - ao exemplo das classes sociais - são enfraquecidas e abrem espaço para relações entre poucas pessoas fechadas em pequenos núcleos.

Terminada essa passagem, o episódio retoma os preparativos para a ingestão do implante. Os 12 novos usuários aparecem dispostos em volta de uma grande mesa ao passo que o décimo terceiro participante do teste, o substituto Niels, aguarda em um banco à parte, esperando ansiosamente alguma desistência. Uma a uma, as personagens retiram os curativos de seus pulsos, locais em que foram marcadas as tatuagens. Esther, Paul, Billie e Gabriel acompanham o início do teste. Um sachê de água e uma pequena caixa preta com o implante são dispostos na frente de cada participante. Alguns pegam, giram e observam a pílula azul e rosa. Durante alguns segundos, ninguém a engole, até que Harmony dá o primeiro passo. Todos a olham cheios de expectativas. Ela estica o braço sobre a mesa e mostra a tatuagem, até então imperceptível, tornar-se luminosa. Os demais participantes passam a ingerir suas respectivas pílulas. Ana demora um pouco mais do que os demais, mas também toma o implante. Uma salva de palmas segue o feito.

Das pessoas da sala, apenas duas não demonstram animação, Niels, que acredita estar fora do teste, uma vez que não houve nenhuma desistência, e Esther, que se mostra alegre em um único momento do episódio, nas memórias de sua infância. No

restante, tem sempre a expressão fechada. Antes que as palmas terminem, um dos participantes, Marceau, começa a respirar profundamente, segurando a cabeça como quem se sente mal. De repente, cai da cadeira, causando grande alerta. No chão, trêmulo, pede que retirem aquilo de sua cabeça. Apesar do susto advindo do impacto da queda de Marceau, Billie configura o ocorrido como um ataque de pânico. O quase imediato enfoque da câmera em Niels mostra-lhe sorridente com a nova chance de experimentar o Osmosis.

Em local reservado da empresa, Esther recebe as últimas atualizações sobre as redes cerebrais dos participantes do teste, empenhando-se no projeto de curar a mãe, quando a voz da inteligência artificial Martin começa a falhar. Não demora até que Swann peça ajuda para solucionar um problema de segurança que, segundo diz, fora gerado pelo agravamento dos ataques após o anúncio de Paul.

Esther manuseia apressadamente a interface alocada na bancada cuja parte superior dispõe de uma tela interativa, espécie de computador horizontal de grandes proporções. Tão logo é notificada sobre os danos causados na CPU, nega rispidamente a oferta de Swan para realizar a reinicialização necessária, deixando ainda mais claros traços de seu comportamento reservado. Com exceção de seu irmão e sua mãe, ela não estabelece relações profundas com as personagens. Nesse sentido, ressoa a fala da protagonista que caracteriza os familiares como suas almas gêmeas. Eles são, figurativamente, o mundo de Esther. A intenção de salvá-los (a mãe da doença e Paul de um problema não revelado) ressoa nos bastidores do desenvolvimento do Osmosis. Ao salvar os familiares, ela procura salvar a si própria e a completude que reside nas dinâmicas familiares. Nesse sentido, retomamos as memórias da piscina mostradas à mãe inconsciente. Paul salvava a irmã de um pretenso afogamento. Quando adultos, ela desenvolve o Osmosis e salva o irmão de um mal não especificado. Entretanto, Paul segue salvando Esther, uma

vez que o salvamento de um implica o do outro. Se eles são uma unidade, a perda de uma das partes resulta no sofrimento e na incompletude da outra.

5. Indivíduo e alma gêmea

Nos momentos finais do episódio, acontecimentos paralelos tocam a tela. O primeiro deles ocorre com Paul. Ele abre a porta de seu apartamento com uma garrafa em mãos. Pega duas taças e estoura a champanhe enquanto chama por Joséphine. Como não escuta resposta, passa a andar pelos cômodos pouco iluminados à procura dela. Uma música tensa começa a ser reproduzida enquanto ele encontra algumas roupas femininas espalhadas no chão. A fotografia ganha tons prioritariamente vermelhos e negros, manifestação das emoções intensas que assolam o protagonista. Por fim, ele encontra um bilhete sobre a cama com os dizeres "Não me procure". O enfoque no papel segurado por Paul é, depois, voltado para frente. Nesse momento, metade de sua face é iluminada ao passo que a outra é sombreada. A iluminação empregada na cena dialoga com a ideia de metades e oferece mais indícios acerca da noção de alma gêmea construída no episódio. A obscuridade de uma parte do rosto de Paul pode ser causada pelo sumiço de Joséphine, sua metade. Outra leitura, um pouco mais ampla, mas não contraditória em relação à primeira, indica que o desaparecimento da companheira do protagonista evidencia a falta que reside nele. A parte deixada na sombra é sinal do vazio provocado pela falta.

É também nos momentos finais do episódio que as imagens das almas gêmeas dos novos usuários do Osmosis são apresentadas. Em atividades cotidianas, os participantes do teste beta são surpreendidos pela seguinte mensagem: "Bem-vindo ao Osmosis. Seu implante cerebral está conectado e nos enviou seus dados. Estamos prontos para lhe apresentar sua alma gêmea. Feche os olhos. O rosto aparecerá em alguns segundos". Três participan-

tes fecham os olhos. “Está pronto para descobrir o que é verdadeiramente o amor?”, a voz pergunta. As personagens, então, abrem grandes sorrisos e, em seguida, a imagem da alma gêmea de Niels irrompe na tela. No mesmo fundo negro do V-Eternity, pontinhos dourados inicialmente desordenados ganham a forma de um rosto feminino. Depois de enfocado o largo sorriso de Niels, o episódio termina com o título *Osmosis* em letras brancas sobre um fundo preto.

Por fim, recuperaremos a cena da chegada de Paul no apartamento sem Joséphine, pois ela aponta a existência de um problema. A comemoração frustrada indicada pelo champanhe justamente no dia de lançamento do *Osmosis* é um contraponto à alegria compartilhada pelos usuários e membros da empresa diante da revelação das almas gêmeas e indica uma adversidade à proposta dos irmãos Vanhove. Essa impressão é ainda acentuada porque ocorre com o primeiro casal formado graças à tecnologia desenvolvida por Esther. A ausência de Joséphine, a tensão e o nervosismo característicos da cena apontam que algo destoa da felicidade prometida.

Podemos conjecturar tratar-se de um sinal de que o desejo de completude a partir do qual *Osmosis* se levanta não pode ser atendido. Simmel (1993) trata da questão da dinâmica do amor, que parte da autossuficiência interna gerada por um objeto exterior. A autossuficiência, assim, é originada de movimentos interiores e exteriores.

O amor é sempre uma dinâmica que se gera, por assim dizer, a partir de uma auto-suficiência interna, sem dúvida trazida, por seu objeto exterior, do estado latente ao estado atual, mas que não pode ser, propriamente falando, provocada por ele; a alma o possui enquanto realidade última, ou não o possui, e nós não podemos remontar, para além dele, a um dos *movens* exterior ou interior que, de certa forma, seria mais que sua causa ocasional. (Simmel, 1993, p. 127).

Essa dinâmica relaciona-se ao caráter especial do amor, percebido pelo autor, que o torna ligado à unidade que engloba a vida. O sentimento amoroso é mais conectado a tal unidade do que outros por ter a existência vinculada ao movimento do homem para aquilo que lhe é exterior. Implica na transcendência de si e na busca pelo mundo que se torna interessante e desejável ao espírito. O excerto acima revela que a suficiência interna é trazida por um objeto exterior, mas seguindo os aspectos da teoria de Simmel, esse não precisa (nem pode) ser necessariamente possuído. O objeto amado, caso seja uma pessoa, não se trata da pessoa em si, mas da representação criada por quem a ama. Assim, no espírito, o objeto é uma ideia que revela mais quem a criou do que a fonte de sua inspiração. Consideramos que o ser amado pode gerar autossuficiência a que ama não na qualidade de uma pessoa de carne e osso, mas na de uma ideia que reside apenas no espírito do apaixonado e que é constantemente colocada à prova pela realidade. O amor é, assim, um ter e um não-ter concomitantes. O espírito, ainda que o desejo o chame para fora, não pode possuir outra pessoa, tampouco deixar-se possuir. Parece-nos, dessa maneira, que o movimento do espírito é muito mais importante do que a inalcançável completude.

Se tomarmos o avanço da individualidade no mundo moderno, torna-se ainda mais complicada a conciliação da osmose prevista pela tecnologia de Esther com a questão do indivíduo. O desejo de completude manifesto no episódio 'O teste', que abarca a noção de metades apartadas, pode ser lido como desdobramento da ligação do amor com a unidade discutida por Simmel a partir de movimentos interiores e exteriores. Tomemos a cena final do episódio, em que o Osmosis indica uma imagem, um rosto feminino que já residia nos pensamentos de Niels, como parte dele. Essa figura é conhecida de alguma forma pelo jovem, conquanto ele não tenha clareza disso. Ocorre que, na trama, não são previstas dessemelhanças entre a imagem da pessoa e a pessoa. Pelo contrário, é como se a memória da alma gêmea residisse em latência no espírito de todos. Memória essa incontestável,

perfeita, inequívoca, exata. O amor é ter o outro porque o outro é visto como uma parte de si, a tal metade perdida.

As questões da imagem e da memória são, contudo, problematizadas nas cenas em que Esther recorda o passado com sua mãe. O espelho trêmulo indica uma incongruência no próprio reflexo e questiona as recordações e a veracidade das imagens mostradas à enferma. No episódio, as memórias da infância dos irmãos são transmitidas por um dispositivo tecnológico como imagens gravadas, ao exemplo de um filme. Não podemos saber se essas imagens foram realmente gravadas por uma filmadora ou se extraídas da memória das personagens e armazenadas em dispositivos. Sabemos que elas são sutilmente questionadas e trazemos esse questionamento para o rosto da alma gêmea delineado pelo Osmosis. Talvez exista aí uma crítica à ideia de que todos têm uma imagem inequívoca de suas almas gêmeas. Talvez exista espaço para pensar que a imagem capturada pelo Osmosis não é tão genuína e pura como previsto. Isso pode ocorrer não apenas por problemas na leitura realizada pela tecnologia de Esther, mas pelas lacunas e invenções inerentes ao pensamento humano. Espera-se exatidão de algo que não pode ser exato por ser humano. A leitura do Osmosis não pode garantir o rigor inquestionável esperado pelos usuários, pois as imagens, percepções e sentimentos não têm tamanha rigidez. Pelo contrário, são fluidos, mutáveis, trêmulos e embaçados.

Ademais, conquanto o homem e a mulher estejam inseridos na dinâmica de procura pelo que lhe é exterior, imaginar a osmose prometida pelo V-Eternity não implicaria a falência do indivíduo? No momento em que o indivíduo está mais atomizado do que nunca antes na história ocidental, a busca por algo que lhe ofereça um escape dessa autonomia que é ao mesmo tempo desejada e temida não surpreende. Essa busca torna-se uma jornada tecnológica com vistas à anulação do erro que existe enquanto possibilidade em qualquer escolha e é contraditória na medida em que a esperança de encontrar o preenchimento para

a falta acaba por revelar a impossibilidade de fazê-lo. O projeto da Osmosis apresenta sinais de tensão na cena da chegada de Paul ao apartamento e levanta questões sobre a promessa de cura existente desde a criação dessa tecnologia por Esther. Onde há necessidade de curar, há doença. Não sabemos nada sobre a doença de Paul, mas sabemos do vício de Niels, impulsionado pelo abandono do pai e pelo acesso à pornografia facilitado pela rede de internet. Não reside aqui uma crítica à frouxidão dos laços expressa pelo casamento desfeito e a distância entre Niels e seu pai? Não há igualmente uma crítica à tecnologia reafirmada em outros momentos do episódio por meio da condenação dos serviços do Perfect Match? Essas (a frouxidão dos laços na atualidade e a facilitação do acesso à pornografia pela rede de internet) são as causas do mal de Niels, que pode ser remediado pelo Osmosis. Esse mal, evidentemente, não é de apenas um, mas tem caráter coletivo.

O Osmosis, então, promoveria o "amor verdadeiro" e, com ele, a cura dos males do seu tempo. Antes de revelar a imagem do rosto da alma gêmea aos participantes do teste beta, o implante questiona "Está pronto para descobrir o que é verdadeiramente o amor?". No episódio, portanto, o amor é concebido como uma osmose total capaz de curar por meio do preenchimento da falta. Essa falta já aparece no discurso de Aristófanes e nos leva a entendê-la como uma condição humana na filosofia platônica. Isso não nos furta de pensá-la a partir das especificidades do presente, em que, parece-nos, a individualidade crescente a evidencia. O afrouxamento dos laços comunitários e familiares é um aspecto do espírito moderno e aparece no episódio como causa dos males que devem ser curados pelo Osmosis, seja no abandono vivido por Niels, seja na crítica às relações do tipo "pegam, consomem e jogam fora" dos aplicativos de relacionamento.

Ocorre que, se a condição do indivíduo o impulsiona a buscar a completude, também o impede de alcançá-la, pois a proposta da alma gêmea no episódio passa pela osmose total e, consequente-

mente, pela destruição das fronteiras entre o ser humano e o mundo. Segundo Aristófanes, quando a unidade entre seres mutilados foi conquistada, levou à morte dos pares pela inércia, referindo-se à morte do desejo e da necessidade de procurar algo fora de si, o que gera o desinteresse pela vida e, conseqüentemente, o definhamento. Na atualidade, podemos ainda pensar na difícil conciliação entre os imperativos da individualidade e o ideal de união profunda de duas pessoas. O bilhete de Joséphine pede que Paul não a procure, estabelecendo um limite entre os amantes que, repetimos, levanta questões sobre o ideal promovido pela Osmosis.

Em “Romeu e Julieta e a origem do Estado”, Eduardo Viveiros de Castro e Ricardo Benzaquem de Araujo percebem um paradoxo ocidental a partir da análise do texto shakespeariano: o amor ajuda a conformar indivíduos, mas, se vivido intensamente, provoca o derretimento das individualidades. “Romeu e Julieta” ilustraria a passagem do holismo para o individualismo (a individualidade e o indivíduo tornam-se valores) e, o que é fundamental, a autonomização do domínio afetivo. Ao renegarem suas famílias, seus próprios nomes e, portanto, a ordem tradicional, os protagonistas da peça fortalecem-se enquanto individualidades, porém, a intensidade com a qual o amor é vivido acaba por diluir o status individual - “Abandonando seus nomes, que os ligavam às famílias, unem-se de tal forma que chegam a construir, não dois indivíduos, mas um verdadeiro indivíduo dual: o dualismo não é externo, mas interno” (Viveiros de Castro; Benzaquem de Araujo, 1977, p. 151).

A solução dos autores para esse paradoxo encontra-se na distinção entre duas noções de indivíduo. A primeira, centrada na personalidade. A segunda, voltada para a compreensão do ser humano como membro genérico da espécie. O amor, segundo Viveiros de Castro e Benzaquem de Araujo, prevê uma relação genérica do tipo homem-mulher. Com isso, sublinha-se o papel social dos amantes. Trata-se de uma solução interessante, porém, assumimos outro caminho, pautado na percepção de que a diluição dos contornos individuais não é mais do que desejo não passível de realização. Encaramos,

inclusive, a morte dos jovens Romeu e Julieta como sinal dessa impossibilidade. De qualquer forma, sustentamos, assim como esses autores, a profundidade da união estabelecida entre indivíduos, que formam núcleos afetivos “contra o mundo”.

Referências

- Abbagnano, N. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- Berlin, I. **Raízes do Romantismo**. São Paulo: Três Letras, 2015.
- Bauman, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- Beck, U.; Beck-Gernsheim, E. **The normal chaos of love**. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2018.
- Giddens, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- Goethe, J. **As afinidades eletivas**. São Paulo: Cia das Letras, 2014.
- Lasch, C. **A Cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- Lipovetsky, G. **La tercera mujer. Permanencia y revolución de lo femenino**. Barcelona: Anagrama, 1999.
- _____. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- Platão. **O Banquete**. Pará de Minas: M&M Editores Ltda, 2003.
- Simmel, G. Fragmentos sobre o amor; O papel do dinheiro nas relações entre os sexos – fragmento de uma filosofia do dinheiro; Psicologia do coquetismo. In: **Filosofia do Amor**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 41-66, 93-112, 113-174.
- Shorter, E. **Naissance de la famille moderne**. Paris: Senil, 1977.
- Viveiros de Castro, E.; Benzaquem de Araujo, R. Romeu e Julieta e a origem do Estado. In: Velho, G. **Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- Weber, M. A ciência como vocação. In Weber, M. **Três tipos de poder e outros escritos**. Lisboa: Tribuna da História, 2005.

Recebido em 10/01/2022

Aceito em 14/05/2022